

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS
CAXIAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A LÍNGUA INGLESA COMO CAPITAL CULTURAL: PERCEPÇÕES DE
ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE COELHO NETO-MA SOBRE
DESIGUALDADES E OPORTUNIDADES SOCIAIS**

JUAN FRANCISCO SILVA ALMEIDA

CAXIAS-MA

2026

JUAN FRANCISCO SILVA ALMEIDA

**A LÍNGUA INGLESA COMO CAPITAL CULTURAL: PERCEPÇÕES DE
ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE COELHO NETO-MA SOBRE
DESIGUALDADES E OPORTUNIDADES SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Ciências Sociais na
Universidade Estadual do Maranhão.

Orientadora: Prof(a) Dra. Danielle Cristine
Ribeiro

CAXIAS-MA

2026

A447I Almeida, Juan Francisco Silva

A língua inglesa como capital cultural: percepções de estudantes da pública de Coelho Neto-MA sobre desigualdades e oportunidades sociais / Juan Francisco Silva Almeida. __Caxias: Campus Caxias, 2026.

42f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Profª. Dra. Danielle Cristine Ribeiro.

1. Língua Inglesa. 2. Capital cultural. 3. Ensino público. 4. Pierre Bourdier. 5. Desigualdade social. I. Título.

CDU 811.111:316.34

JUAN FRANCISCO SILVA ALMEIDA

**A LÍNGUA INGLESA COMO CAPITAL CULTURAL: PERCEPÇÕES DE
ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE COELHO NETO-MA SOBRE
DESIGUALDADES E OPORTUNIDADES SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais
da Universidade Estadual do Maranhão – Campus
Caxias como requisito para grau de licenciado de
Ciências Sociais.

APROVADO EM: 8 de julho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DANIELLE CRISTINE RIBEIRO**
Data: 23/07/2026 15:37:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Danielle Cristine Ribeiro - Orientadora
Doutora em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias

Documento assinado digitalmente
 **MAURA REJANNE AMARAL RODRIGUES AMORIM**
Data: 23/07/2026 16:00:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maura Rejanne Amaral Rodrigues Amorim - Examinadora
Doutora em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias

Documento assinado digitalmente
 **AMALLE CATARINA RIBEIRO PEREIRA**
Data: 24/07/2026 08:38:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Amalle Catarina Ribeiro Pereira- Examinadora
Doutora em Antropologia Social – Universidade de Brasília (UnB)
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias

RESUMO

O presente trabalho analisa as percepções de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas do município de Coelho Neto (MA) sobre o ensino da Língua Inglesa e sua relação com as oportunidades educacionais e profissionais. A pesquisa fundamenta-se na teoria do capital cultural de Pierre Bourdieu, compreendendo a língua inglesa como um recurso social valorizado. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, realizada com 53 estudantes por meio de questionários estruturados. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e interpretação sociológica. Os resultados mostram que, embora a maioria dos estudantes reconheça a importância da língua inglesa para o futuro acadêmico e profissional, grande parte conclui o Ensino Médio com baixo nível de proficiência e avalia o ensino recebido como insuficiente. Também foi observado que muitos estudantes buscam complementar sua aprendizagem por meio de recursos como músicas, filmes, séries, jogos e conteúdos digitais. Os resultados sugerem que as limitações do ensino público podem restringir o acesso ao domínio da língua inglesa, favorecendo a manutenção de desigualdades educacionais e sociais. Conclui-se que o ensino da Língua Inglesa pode representar tanto uma oportunidade de ampliação do capital cultural quanto um mecanismo de reprodução das desigualdades, dependendo das condições de acesso à aprendizagem.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Capital cultural. Ensino público. Pierre Bourdieu. Desigualdade social.

ABSTRACT

This study analyzes the perceptions of third-year high school students from public schools in the municipality of Coelho Neto, Maranhão, regarding English language teaching and its relationship with educational and professional opportunities. The research is based on Pierre Bourdieu's theory of cultural capital, understanding English as a valued social resource. This is a qualitative and quantitative study conducted with 53 students through structured questionnaires. The data were analyzed using descriptive statistics and sociological interpretation. The findings show that, although most students recognize the importance of English for their academic and professional futures, many complete high school with a low level of proficiency and consider the instruction they receive insufficient. The study also found that many students seek to complement their learning through music, films, television series, games, and digital resources. The results suggest that the limitations of public education may restrict access to English language proficiency, contributing to the maintenance of educational and social inequalities. It is concluded that English language teaching can represent both an opportunity to expand cultural capital and a mechanism for reproducing inequalities, depending on the conditions of access to learning.

Keywords: English language. Cultural capital. Public education. Pierre Bourdieu. Social inequality.

ÍNDICE

Introdução.....	04
1. O ensino da Língua Inglesa no Brasil: trajetória histórica, legislação e desigualdades educacionais.....	07
1.1 Origens e evolução do ensino de língua inglesa no Brasil.....	07
1.2 Reformas educacionais e legislações	08
1.2.1 Lei nº 4.024/1961	08
1.2.2 Lei nº 5.692/1971	09
1.2.3 Lei nº 9.394/1996.....	09
1.2.4 Base Nacional Comum Curricular	10
1.3 O ensino de língua inglesa no Maranhão: políticas e realidade local.....	11
1.3.1 Análise sociológica: o ensino de língua inglesa como capital cultural e mecanismo de reprodução de desigualdades.....	12
2. Percepções dos Estudantes sobre o Ensino de Língua Inglesa em Escolas Públicas de Coelho Neto (MA).....	14
2.1 Contextualização do ensino de língua inglesa na escola pública	15
2.2 Percepções dos estudantes sobre o ensino de língua inglesa	16
2.3 Percepções dos estudantes sobre a falta de recursos no ensino de língua inglesa.....	21
2.4 Reconhecimento das lacunas e estratégias para suprir deficiências na aprendizagem da língua inglesa.....	22
3. Língua Inglesa, Capital Cultural e Reprodução das Desigualdades Sociais: Uma Análise a partir de Pierre Bourdieu.....	26
3.1 A língua inglesa como recurso social no mundo contemporâneo.....	26
3.2 Capital cultural, <i>habitus</i> e distinção social.....	27
3.3 <i>Habitus</i> , escola e reprodução das desigualdades.....	29
3.4 O ensino da língua inglesa como forma de capital cultural	30
Considerações finais.....	32
Referências	34
Anexo 1	37

INTRODUÇÃO

A língua inglesa ocupa atualmente uma posição de grande relevância na sociedade contemporânea, estando presente em diferentes áreas da vida social, acadêmica, tecnológica e profissional. Em um contexto marcado pela globalização e pelo intenso fluxo de informações, o domínio desse idioma passou a representar uma importante ferramenta de acesso ao conhecimento, à educação e ao mercado de trabalho. Dessa forma, o aprendizado da língua inglesa ultrapassa a dimensão linguística, assumindo também um papel significativo na construção das trajetórias sociais e profissionais dos indivíduos.

No Brasil, o ensino de língua inglesa passou por diversas transformações ao longo da história da educação, especialmente após as mudanças promovidas pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consolidaram o idioma como componente obrigatório da Educação Básica. Apesar desses avanços, ainda persistem desafios relacionados à qualidade do ensino ofertado nas escolas públicas, principalmente em contextos marcados por desigualdades sociais, limitações estruturais e escassez de recursos pedagógicos.

O interesse por esta pesquisa surgiu a partir de observações feitas ao longo da minha própria trajetória. Desde a infância, chamava minha atenção a presença constante da língua inglesa em diferentes objetos e tecnologias utilizadas no cotidiano. Com o passar dos anos e com um contato mais frequente com a área da tecnologia e da internet, tornou-se cada vez mais nítido que grande parte dos conteúdos, programas, aplicativos e materiais de estudo utiliza a língua inglesa como idioma principal.

A partir dessas experiências, surgiu uma inquietação que serviu como ponto de partida para esta pesquisa. Se a língua inglesa está presente em tantos aspectos da vida cotidiana, por que a maioria das pessoas não possui domínio desse idioma? Além disso, quais fatores dificultam ou favorecem o acesso ao aprendizado da língua inglesa, especialmente entre estudantes da escola pública? Esses questionamentos despertaram o interesse em investigar as percepções de estudantes do Ensino Médio sobre o ensino da língua inglesa.

A relevância desta pesquisa para as Ciências Sociais se dá na compreensão das desigualdades presentes no acesso a conhecimentos socialmente valorizados, como a língua inglesa. Em uma sociedade na qual o domínio da língua inglesa é frequentemente ligado a oportunidades educacionais, profissionais e culturais, torna-se importante analisar de que forma esse conhecimento é distribuído entre diferentes grupos sociais, especialmente sobre as classes populares.

Dessa forma, o estudo busca refletir sobre a relação entre educação, desigualdades sociais, acesso ao capital cultural e, principalmente, sobre as percepções da juventude sobre tal capital, discutindo como o ensino da língua inglesa pode atuar tanto como instrumento de ampliação de oportunidades quanto como elemento associado à reprodução de desigualdades sociais.

Diante dessas reflexões, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as percepções de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas do município de Coelho Neto (MA) sobre o ensino da língua inglesa e sua relação com as oportunidades educacionais e profissionais. Como objetivos específicos, buscou-se identificar a importância atribuída pelos estudantes ao idioma, compreender suas percepções sobre o ensino de inglês recebido na escola pública e analisar essa realidade a partir das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu sobre capital cultural e desigualdades sociais.

Em relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa possui caráter qualitativo. Ela é quantitativa porque utiliza dados obtidos por meio de questionários e apresenta os resultados em números e porcentagens. Ao mesmo tempo, também possui caráter qualitativo, pois busca compreender e interpretar o significado desses resultados a partir das discussões sociológicas sobre educação, desigualdade social, capital cultural e mobilidade social.

A pesquisa foi realizada com 53 estudantes do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Coelho Neto (MA). As escolas foram escolhidas devido à facilidade de acesso para a realização da pesquisa e à possibilidade de aplicação dos questionários junto aos estudantes.

Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário estruturado com perguntas objetivas de múltipla escolha. As perguntas abordaram temas relacionados ao nível de conhecimento dos estudantes em língua inglesa, à importância atribuída ao idioma, às estratégias utilizadas para sua aprendizagem, à influência do inglês no acesso a oportunidades educacionais e profissionais, à avaliação do ensino recebido na escola pública e à valorização social da língua inglesa. Após a aplicação dos questionários, os dados foram organizados e analisados por meio de porcentagens, permitindo identificar as principais percepções dos estudantes sobre o ensino da língua inglesa.

Durante a elaboração deste trabalho, foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT como apoio em algumas etapas da pesquisa. A ferramenta foi utilizada para esclarecer dúvidas sobre a estrutura do TCC e normas da ABNT. Tal recurso também auxiliou na busca de bibliografia e documentos oficiais, indicando artigos, trabalhos acadêmicos e fontes de dados estatísticos que posteriormente foram consultados pelo autor. Além disso, foi utilizado na

revisão de trechos da Introdução, da Metodologia, da caracterização do município de Coelho Neto e das Considerações Finais, contribuindo para a correções de erros ortográficos.

Ressalta-se que a coleta dos dados, a análise dos resultados, a seleção das referências bibliográficas e as conclusões apresentadas neste trabalho foram realizadas pelo autor, cabendo à Inteligência Artificial apenas uma função de apoio à pesquisa e à revisão textual. Portanto, todas as etapas principais da pesquisa, como a definição do tema, a aplicação dos questionários, a coleta e análise dos dados, a escolha das referências bibliográficas e a elaboração das conclusões, foram realizadas pelo autor.

Para atingir os objetivos desta pesquisa, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre a história do ensino da língua inglesa no Brasil, destacando algumas mudanças legais e educacionais que contribuíram para sua inserção no currículo escolar. Também são abordadas questões relacionadas à importância social da língua inglesa e sua relação com o conceito de capital cultural.

O segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, bem como a análise dos dados coletados com os estudantes das escolas públicas participantes. Nesse capítulo, são discutidas as percepções dos alunos sobre a importância da língua inglesa, as principais dificuldades encontradas durante a aprendizagem e as formas utilizadas por eles para ampliar seus conhecimentos no idioma.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta uma análise dos resultados da pesquisa com base nas contribuições sociológicas de Pierre Bourdieu. São discutidos os conceitos de capital cultural, *habitus* e reprodução social, buscando compreender de que maneira o acesso ao aprendizado da língua inglesa pode influenciar as oportunidades educacionais e profissionais dos estudantes. Dessa forma, os capítulos se complementam na busca por responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos neste trabalho.

1. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL: TRAJETÓRIA HISTÓRICA, LEGISLAÇÃO E DESIGUALDADES EDUCACIONAIS

A língua inglesa ocupa posição de destaque no mundo contemporâneo por sua função internacional em diversos contextos sociais, acadêmicos e profissionais. Segundo Polidório (2014, p. 340), “A língua inglesa é considerada uma língua internacional. Ela é língua oficial em mais de 55 países e organizações como a ONU e OTAN.” No Brasil, aprender inglês vai além do domínio linguístico: trata-se de um instrumento de inclusão, acesso à informação e mobilidade social. Nesse sentido, Feitosa (2020) afirma que o ensino do idioma amplia oportunidades de formação e trabalho, além de favorecer o contato com outras culturas.

O capítulo tem como objetivo apresentar um panorama histórico e político do ensino da língua inglesa na educação básica brasileira, com base nas Leis de Diretrizes e Bases (1961, 1971 e 1996), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e no Currículo do Estado do Maranhão. A análise busca compreender como a trajetória legal e pedagógica do ensino de inglês se relaciona às condições reais das escolas públicas, especialmente no contexto maranhense.

1.1 Origens e evolução do ensino de língua inglesa no Brasil

O ensino da língua inglesa no Brasil remonta ao século XIX, quando o idioma passou a integrar oficialmente o currículo das escolas secundárias. Conforme destaca Polidório (2014, p. 341), “o ensino de língua inglesa no Brasil começa no século XIX. No ano de 1809, o ensino da língua inglesa e da língua francesa torna-se obrigatório.” Desde então, a presença do inglês na educação nacional tem acompanhado as transformações políticas, econômicas e culturais do país.

Durante o período imperial e as primeiras décadas da República, o ensino de línguas estrangeiras era voltado às elites e vinculado a um modelo humanista e erudito. Nessa época, predominava o método de gramática e tradução, que priorizava a leitura e a memorização de regras, com pouco foco na comunicação oral. Ao longo do século XX, novas abordagens foram introduzidas sob influência internacional, como o método direto¹, o audiolingual² e o

¹ Método Direto: abordagem de ensino de línguas que prioriza o uso exclusivo da língua-alvo em sala de aula, sem recorrer à tradução, enfatizando a comunicação oral e a aprendizagem contextualizada (RAMOS, 2000, p. 146).

² Método Audiolingual: método de ensino baseado na repetição e na formação de hábitos linguísticos por meio de exercícios estruturados, com foco na pronúncia e na oralidade. (SANTOS, 2020).

audiovisual³, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, quando o inglês se consolidou como língua de alcance global.

As reformas de Francisco Campos (1931) e Capanema (1942) mudaram o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, trazendo novas propostas e aumentando o tempo dedicado às aulas de idiomas.

Desse modo, o ensino da língua inglesa no Brasil foi se consolidando como um campo em constante transformação, influenciado por políticas educacionais, contextos históricos e pela evolução da globalização. Essa trajetória constitui a base necessária para compreender as mudanças promovidas posteriormente pelas Leis de Diretrizes e Bases e pelos documentos curriculares nacionais.

1.2 Reformas educacionais e legislações

As reformas educacionais brasileiras e suas respectivas Leis de Diretrizes e Bases (LDBs) marcaram significativamente o percurso do ensino de língua inglesa no país. Cada nova legislação refletiu o contexto político e social de sua época, influenciando a forma como as línguas estrangeiras foram incorporadas – ou excluídas – do currículo escolar.

A seguir, são apresentadas as principais transformações ocorridas a partir das LDBs de 1961, 1971 e 1996, até a consolidação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017.

1.2.1 Lei nº 4.024/1961

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1961, foi um marco importante na história da educação brasileira, pois organizou legalmente o sistema de ensino do país. Essa lei definiu princípios gerais para a educação, como a liberdade de ensino, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário. No entanto, não trouxe nenhuma menção específica ao ensino de línguas estrangeiras, incluindo o inglês, dentro da educação básica.

O texto legal descreve apenas que “em cada ciclo haverá disciplinas e práticas educativas, obrigatórias e optativas” (BRASIL, 1961, art. 35), sem indicar quais seriam essas disciplinas. Isso mostra que o ensino de idiomas ficou a critério dos estados e escolas,

³ Método Audiovisual: método de ensino de línguas que utiliza recursos visuais e sonoros para favorecer a compreensão e a comunicação na língua-alvo (MARTINS, 2017).

o que gerou diferenças significativas entre as regiões. Polidório (2014) explica que, por causa dessa falta de definição, muitas escolas não incluíam o ensino de inglês, o que permite observar que o ensino de línguas estrangeiras não foi tratado como prioridade nas políticas públicas da época.

Mesmo sendo um avanço em termos de organização da educação brasileira, a LDB de 1961 não garantiu a presença do ensino de inglês de forma obrigatória, deixando essa decisão para cada sistema estadual. Essa ausência de padronização dificultou o acesso dos alunos ao aprendizado de uma língua estrangeira e reforçou as desigualdades entre as redes de ensino.

1.2.2 Lei nº 5.692/1971

A LDB de 1971, criada durante o regime militar, modificou toda a estrutura da educação básica. O ensino passou a focar mais na formação técnica e profissional, e as disciplinas de caráter humanístico, como as línguas estrangeiras, perderam espaço.

Polidório (2014, p. 341) afirma que “as LDBs de 1961 e 1971 não incluem as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Isso significou um retrocesso para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil.” Segundo Nicholls (apud Polidório, 2014), essa decisão veio de um “falso nacionalismo”, que via o ensino de idiomas estrangeiros como algo desnecessário à formação do cidadão.

Esse afastamento institucional da língua inglesa teve efeitos duradouros: reduziu a carga horária, diminuiu a oferta da disciplina e agravou a carência de professores qualificados. O ensino de inglês passou a ocorrer de maneira irregular e muitas vezes sem critérios pedagógicos definidos, comprometendo o desenvolvimento linguístico dos estudantes da rede pública.

1.2.3 Lei nº 9.394/1996

A promulgação da nova LDB, em 1996, representou um recomeço para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Em seu artigo 36, inciso III, o texto estabelece que “Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das possibilidades da instituição” (BRASIL, 1996, art. 36, III).

Com essa mudança, o ensino de língua inglesa voltou a ser reconhecido como parte essencial da formação do estudante. A nova lei reforçou o papel do inglês como instrumento

de comunicação e acesso à cultura global, incentivando a inclusão da disciplina nos currículos das redes estaduais e municipais. Polidório (2014) observa que essa retomada foi um passo importante para aproximar o ensino de línguas das novas demandas sociais e tecnológicas, embora ainda persistissem problemas estruturais, como a falta de formação específica dos docentes e a carência de recursos didáticos.

1.2.4 Base Nacional Comum Curricular

Com a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, o ensino de Língua Inglesa passou a ser obrigatório desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, conforme o que está definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e reforçado no documento. A BNCC afirma que “Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias.” (BRASIL, 2017, p. 241).

No que se refere à carga horária destinada ao ensino da Língua Inglesa, observa-se que, historicamente, as legislações educacionais brasileiras não estabeleceram parâmetros nacionais claros quanto ao tempo mínimo de ensino desse componente. Tanto a LDB de 1961 quanto a de 1971 não definiram a obrigatoriedade nem a carga horária das línguas estrangeiras, o que resultou em uma oferta irregular do ensino de inglês nas escolas públicas. Já a LDB de 1996 representou um avanço ao tornar obrigatória a oferta de uma língua estrangeira moderna, porém manteve a autonomia dos sistemas de ensino para definir a carga horária, sem fixar um tempo mínimo nacional.

A Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2017, reforçou a presença obrigatória da língua inglesa a partir dos anos finais do ensino fundamental até o ensino médio, definindo competências e habilidades a serem desenvolvidas, mas também não estabeleceu uma carga horária específica, delegando essa responsabilidade aos estados e municípios (BRASIL, 1996; BRASIL, 2017). Dessa forma, apesar dos avanços normativos, a ausência de uma definição nacional sobre o tempo dedicado ao ensino da língua inglesa contribui para desigualdades na sua oferta, especialmente no contexto da escola pública. O próprio documento destaca que “o tratamento dado ao componente na BNCC prioriza o foco da função social e política do inglês e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu status de língua franca” (BRASIL, 2017, p. 241). Essa mudança mostra que o ensino de inglês deixou de ter

um foco apenas gramatical e passou a valorizar a comunicação e o contato com diferentes culturas. Dessa forma, a BNCC propõe um ensino mais voltado para o uso real da língua, ajudando os alunos a se tornarem capazes de se comunicar em contextos diversos. Além disso, ela reconhece o inglês como uma língua global, que pode contribuir para o diálogo entre diferentes culturas e para a formação integral dos estudantes.

1.3 O ensino de língua inglesa no Maranhão: políticas e realidade local

O ensino da Língua Inglesa no Maranhão segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Curricular do Território Maranhense. Esses documentos servem como base para o trabalho dos professores nas escolas e ajudam a organizar o que os alunos devem aprender durante a Educação Básica. A BNCC tem caráter normativo e define as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes em território nacional, garantindo seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017).

A BNCC apresenta a Língua Inglesa não apenas como uma língua estrangeira, mas como uma língua franca. Isso significa que o inglês é usado por pessoas de diferentes países e culturas para se comunicarem. Dessa maneira, o idioma não está ligado somente a países como Estados Unidos ou Inglaterra, mas passa a ser entendido como instrumento importante para a comunicação no mundo atual (BRASIL, 2017).

Essa mesma ideia também aparece no Documento Curricular do Território Maranhense. O documento destaca que a Língua Inglesa tem papel importante na comunicação entre pessoas de diferentes lugares, principalmente por estar presente nas redes de comunicação, nas informações que circulam pelo mundo e nas relações internacionais. Além disso, o documento mostra que o ensino do inglês deve ajudar na formação crítica e intercultural dos estudantes (MARANHÃO, 2019).

No aspecto legal, o ensino da Língua Inglesa passou a ser obrigatório a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, conforme a Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O Documento Curricular Maranhense também apresenta essa obrigatoriedade, mostrando que o inglês deve fazer parte do currículo dos anos finais do Ensino Fundamental (MARANHÃO, 2019).

Assim, o ensino de inglês no Maranhão segue as orientações nacionais, mas também considera a realidade do estado. O Documento Curricular do Território Maranhense foi elaborado com base na BNCC, porém procura de adaptar o ensino à realidade social, cultural

e educacional maranhense. Por isso, o currículo busca relacionar os conteúdos estudados com a vivência dos alunos, da escola, da comunidade e do município, tornando a aprendizagem mais próxima da realidade dos estudantes (MARANHÃO, 2019).

Mesmo com essas orientações, o ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas ainda enfrenta dificuldades. Entre elas, estão a falta de estrutura, a carga horária pequena e a necessidade de melhorar a formação dos professores. No estudo “Ensino da Língua Inglesa em Codó”, Feitosa (2020) analisou o ensino do idioma em escolas públicas do município e observou problemas estruturais e pedagógicos que interferem diretamente na aprendizagem. Um dos depoimentos coletados pela pesquisa ilustra bem essa situação. Segundo o autor, “a professora C destaca que o inglês não é percebido e ressalta a escassez de professores de língua inglesa com formação; além disso, cita que muitos não têm qualificações e boa vontade para dar uma aula que funcione” (Feitosa, 2020, p. 34). Esse relato reforça como a falta de preparo e de valorização profissional ainda são obstáculos para o avanço do ensino de inglês nas escolas públicas do Maranhão.

O Documento Curricular do Território Maranhense também destaca a importância da formação docente para que o currículo seja colocado em prática nas escolas. Isso mostra que, além das leis e documentos oficiais, é necessário que as escolas tenham boas condições para que o ensino aconteça de forma adequada (MARANHÃO, 2019).

Sob a perspectiva de Pierre Bourdieu (2000), essas limitações não representam apenas dificuldades administrativas. Elas afetam a distribuição do capital cultural entre os estudantes, uma vez que o acesso desigual ao ensino de língua inglesa pode ampliar diferenças já existentes entre grupos sociais.

1.3.1 Análise sociológica: o ensino de língua inglesa como capital cultural e mecanismo de reprodução de desigualdades

Embora as políticas educacionais, como a BNCC (2017) e o Documento Curricular do Território Maranhense (2019), tenham avançado ao tornar o ensino de língua inglesa obrigatório e ao destacar sua importância no mundo atual, ainda persistem diferenças importantes entre o que está previsto em lei e o que ocorre na prática nas escolas públicas do Maranhão.

No entanto, a existência dessas normas não garante que todos os estudantes tenham acesso real ao aprendizado da língua inglesa. A teoria de Pierre Bourdieu ajuda a compreender como as desigualdades no acesso ao ensino de inglês podem gerar outras

desigualdades sociais, educacionais e profissionais. Um dos conceitos mais importantes de sua obra é o capital cultural. De acordo com Cunha (2007, p. 504), Bourdieu desenvolveu esse conceito para explicar “a dimensão simbólica da luta entre os diferentes grupos sociais” na busca pela legitimação de certas práticas culturais.

Bourdieu dá especial destaque ao capital cultural em seu estado incorporado. Esse tipo de capital se refere às competências e habilidades que a pessoa internaliza ao longo da vida e que passam a fazer parte dela, como a capacidade de falar, ler e escrever bem em uma língua estrangeira.

No mundo contemporâneo, o domínio da Língua Inglesa pode ser compreendida como uma forma de capital cultural. Não se trata apenas de uma questão linguística. O conhecimento do inglês amplia o acesso a universidades, especialmente às mais concorridas, a programas de intercâmbio, a informações atualizadas e a melhores oportunidades de emprego no mercado de trabalho globalizado.

Como mostra a pesquisa de Feitosa (2020), muitos estudantes das escolas públicas maranhenses dependem quase exclusivamente das aulas oferecidas na rede estadual. Enquanto isso, estudantes de famílias com mais recursos podem ter aulas particulares, acesso à internet de qualidade e contato com filmes, séries e jogos em inglês. Essa diferença faz com que os alunos acumulem quantidades diferentes de capital cultural.

Essa distribuição desigual contribui para a reprodução social. Quando a escola não consegue oferecer as mesmas condições para todos aprenderem inglês, ela acaba reforçando as diferenças sociais de origem. Como explica Cunha (2007, p. 504), o capital cultural serve à “legitimação de certas práticas sociais e culturais” e funciona como mecanismo de distinção social. Assim, os estudantes que não conseguem desenvolver proficiência em inglês ficam em desvantagem em relação aos que possuem maior acesso a esse conhecimento.

Portanto, o ensino de língua inglesa vai além da sala de aula e da aprendizagem de um idioma. Ele se torna um mecanismo de reprodução das desigualdades sociais. Os estudantes das camadas populares, com acesso mais limitado a esse capital cultural, tendem a ocupar posições desiguais em comparação aos grupos socialmente privilegiados.

2. PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE COELHO NETO-MA

O município de Coelho Neto está localizado na região Leste do estado do Maranhão e possui aproximadamente 41.658 habitantes (2022), segundo dados do IBGE (2022). Apresenta PIB per capita de R\$ 11.671,50 (2023), taxa de escolarização de 98,54% (2022) entre crianças de 6 a 14 anos e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,564 (2010). Esses indicadores ajudam a compreender a realidade social em que vivem os estudantes participantes desta pesquisa, uma vez que elementos relacionados à renda e à educação influenciam diretamente as oportunidades de acesso ao conhecimento.

Ao analisar o ensino da língua inglesa nesse contexto, é importante considerar que o acesso a recursos educacionais nem sempre ocorre de maneira igual para todos os estudantes. Como diversos municípios do interior maranhense, Coelho Neto apresenta desafios relacionados ao acesso a recursos educacionais e às oportunidades de formação, fatores que podem influenciar o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. Dessa forma, compreender as características socioeconômicas de Coelho Neto permite refletir sobre as condições em que ocorre o ensino de inglês e sobre as oportunidades que os estudantes possuem para desenvolver esse conhecimento.

Essa discussão dialoga com as contribuições de Pierre Bourdieu, especialmente quando falamos de conceito como capital cultural. Para o autor, o acesso a determinados conhecimentos e competências valorizados socialmente depende, em parte, das condições sociais e culturais dos indivíduos. Dessa forma, o domínio da língua inglesa pode constituir um importante recurso de ampliação das oportunidades educacionais e profissionais, mas seu acesso também pode ser influenciado pelas desigualdades existentes no contexto social em que os estudantes estão inseridos.

Sobre as escolas participantes da pesquisa, elas seguem as orientações estabelecidas em seus Projetos Político-Pedagógicos (PPP) para o ensino da língua inglesa. De acordo com informações fornecidas pela gestão escolar de ambas as escolas, a disciplina possui carga horária anual de 40 horas/aula na 1ª e na 2ª série do Ensino Médio e de 80 horas/aula na 3ª série.

Os conteúdos trabalhados envolvem leitura e interpretação de textos, ampliação de vocabulário e estudo de aspectos gramaticais da língua inglesa. Na 1ª e na 2ª série, são abordados conteúdos como *Verb to Be*, *Simple Present*, *Present Continuous*, *Simple Past*, *Future Forms* e *Modal Verbs*. Já na 3ª série, os estudantes têm contato com textos mais

complexos e com conteúdos gramaticais mais avançados, como *Present Perfect*, *Past Perfect* e *Conditional Sentences*.

2.1 Contextualização do ensino de língua inglesa na escola pública

Até aqui, foi possível compreender que o ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas brasileiras tem passado por transformações significativas a partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabeleceu as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica. A língua inglesa passa a ser compreendida não apenas como componente curricular obrigatório, mas como instrumento de inserção social, devendo contribuir para a formação integral dos estudantes e para sua atuação em uma sociedade globalizada. Conforme o documento, a BNCC “define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais” (BRASIL, 2018, p. 7), orientando o desenvolvimento educacional e a garantia de direitos de aprendizagem.

A partir dessa perspectiva, a Língua Inglesa passa a ser interpretada como uma língua de uso global, presente em diferentes contextos sociais, culturais e comunicativos. Dessa forma, seu ensino não deve se limitar apenas à memorização de regras gramaticais, mas também considerar o uso da língua em situações reais. Essa abordagem busca desenvolver a autonomia dos estudantes e estimular uma formação mais crítica.

No entanto, na prática, a aplicação dessas orientações ainda enfrenta dificuldades no contexto da escola pública. Conforme destaca Bandeira (2024, p. 6), o ensino de inglês enfrenta “desafios significativos relacionados a questões estruturais, pedagógicas e institucionais, que impactam a qualidade do aprendizado e a valorização do idioma no contexto escolar”, o que compromete a efetividade do processo de aprendizagem. O estudo de Bandeira (2024) aponta, assim, limitações recorrentes no ensino de Língua Inglesa na escola pública, especialmente no que se refere à predominância de práticas pedagógicas pouco voltadas à comunicação.

Com base dessas discussões, observa-se a existência de um descompasso entre as diretrizes propostas pelas políticas educacionais e a realidade vivenciada nas escolas públicas brasileiras. Esse cenário contribui para que muitos estudantes concluam o Ensino Médio sem desenvolver habilidades comunicativas efetivas em língua inglesa, o que impacta diretamente suas possibilidades de inserção social, acadêmica e profissional.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, realizada com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Coelho Neto (MA), com o

objetivo de compreender como esses alunos percebem o ensino de língua inglesa, especialmente no que se refere à falta de recursos e às dificuldades de aprendizagem. A investigação busca ainda analisar de que forma essas percepções impactam seu processo formativo e suas expectativas de futuro, bem como identificar se os estudantes reconhecem lacunas em sua aprendizagem e quais estratégias adotam para supri-las.

Dessa forma, o Capítulo 2 dedica-se à análise dessas cognições, a fim de compreender como as condições do ensino de Língua Inglesa em escolas públicas de Coelho Neto influenciam a forma como os estudantes avaliam sua aprendizagem e projetam suas possibilidades futuras. Parte-se da hipótese de que o modo como o ensino é ofertado não apenas afeta o desempenho escolar, mas também contribui para a construção do entendimento sobre o papel do inglês em suas trajetórias sociais, podendo ampliar ou restringir horizontes de mobilidade em contextos marcados por desigualdades.

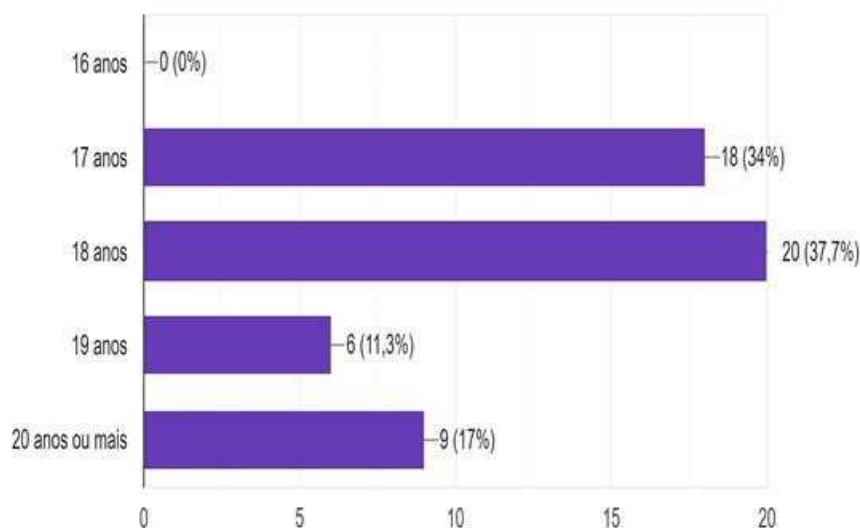
2.2 Percepções dos estudantes sobre o ensino de língua inglesa

A análise da compreensão dos estudantes sobre o ensino da língua inglesa foi realizada a partir da aplicação de questionários com alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do município maranhense de Coelho Neto, realizado no ano de 2025, aqui identificadas como Escola M e Escola S, em respeito aos princípios éticos da pesquisa. A coleta de dados ocorreu de forma presencial na primeira e de forma remota na segunda, por meio da plataforma Google Forms. Ao todo, participaram da pesquisa 53 estudantes, número que compõe o universo analisado neste estudo.

No que se refere ao perfil etário dos participantes, observa-se que a maioria dos estudantes possui entre 17 e 18 anos. Entre os respondentes, 18 estudantes (34%) possuem 17 anos, 20 estudantes (37,7%) possuem 18 anos, 6 estudantes (11,3%) possuem 19 anos, e 9 estudantes (17%) possuem 20 anos ou mais. Esses dados indicam que o público pesquisado corresponde, em sua maioria, à faixa etária típica de conclusão do Ensino Médio.

1. Qual é a sua idade?

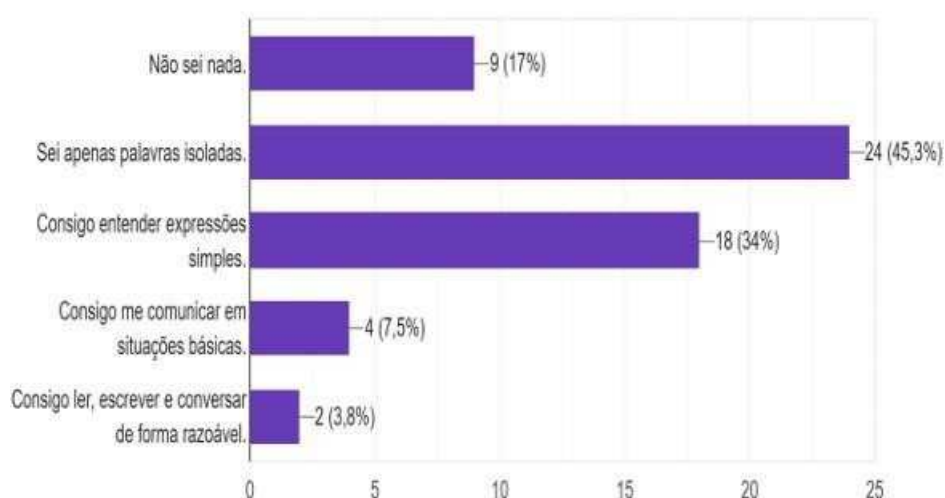
53 respostas



Mais relevante do que o perfil etário, entretanto, é o nível de proficiência em língua inglesa declarado pelos próprios estudantes. Os resultados revelam que 24 estudantes (45,3%) afirmam saber apenas palavras isoladas, enquanto 18 estudantes (34%) relatam conseguir compreender apenas expressões simples. Além disso, 9 estudantes (17%) afirmam não possuir nenhum conhecimento em inglês. Apenas 4 estudantes (7,5%) indicaram conseguir se comunicar em situações básicas, e 2 estudantes (3,8%) afirmaram conseguir ler, escrever e conversar de forma razoável no idioma.

2 Como você descreveria seu nível atual de proficiência em inglês?

53 respostas

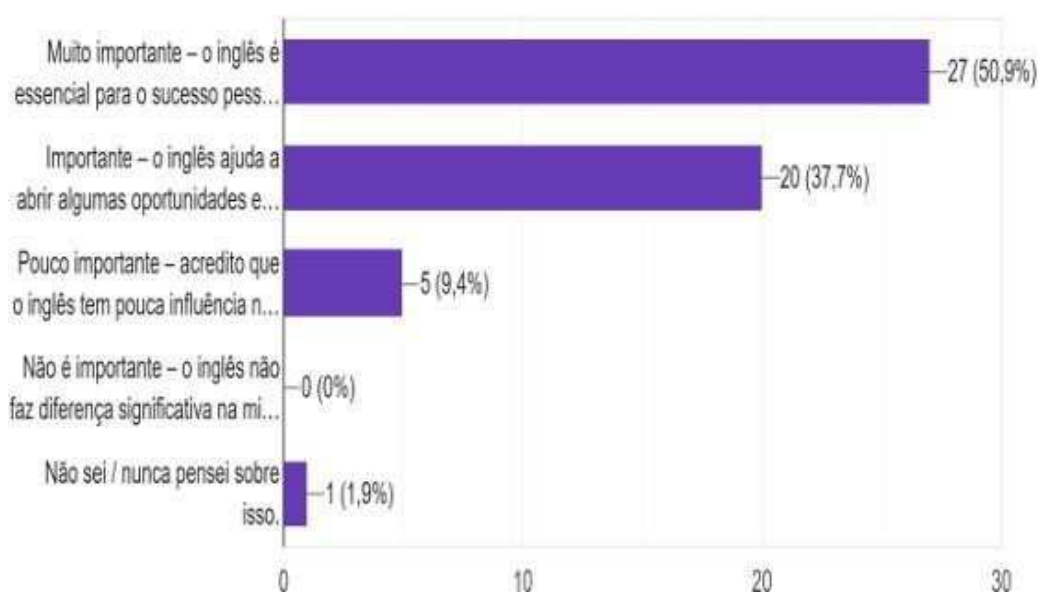


Esses dados indicam que uma parcela significativa dos estudantes conclui o Ensino Médio com um nível bastante limitado de domínio da língua inglesa. Dessa forma, observa-se que, mesmo após anos de contato com o idioma no ambiente escolar, muitos alunos ainda não se sentem capazes de utilizar o inglês em situações simples de comunicação. Esse resultado evidencia possíveis fragilidades no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa na escola pública.

Apesar dessas limitações no domínio do idioma, os dados mostram que os estudantes atribuem grande importância ao aprendizado da Língua Inglesa. Quando questionados sobre a relevância do inglês em sua trajetória social, educacional e profissional, 27 estudantes (50,9%) consideraram o idioma muito importante, enquanto 20 estudantes (37,7%) o classificaram como importante. Apenas 5 estudantes (9,4%) avaliaram o inglês como pouco importante, e 1 estudante (1,9%) afirmou nunca ter refletido sobre o tema.

3 Como você avalia a importância do aprendizado da língua inglesa ao longo do ensino regular na sua trajetória social, educacional e profissional?

53 respostas

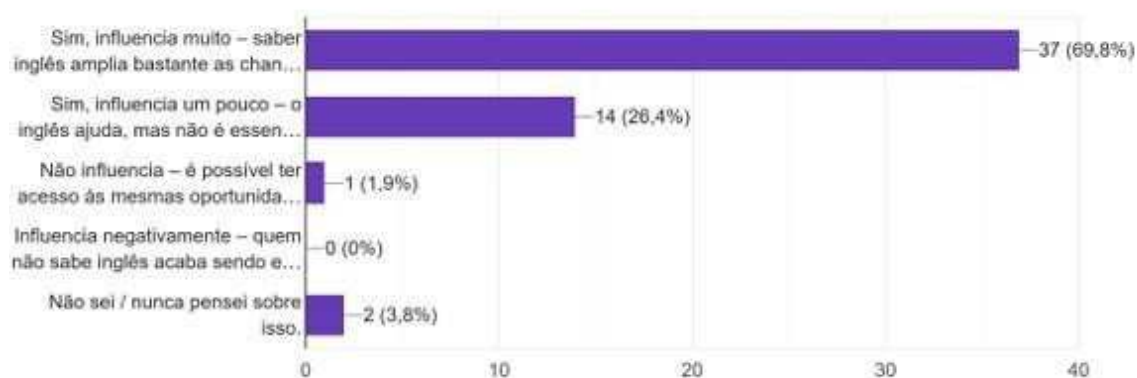


Os resultados observados demonstram que, mesmo diante de dificuldades no aprendizado, os estudantes reconhecem o valor da língua inglesa em diferentes dimensões da vida social. Tal resultado também aparece quando se analisam as respostas relacionadas ao impacto do inglês no acesso a oportunidades educacionais e profissionais. No que se

refere às oportunidades educacionais, 37 estudantes (69,8%) afirmaram que o domínio do inglês influencia muito, enquanto 14 estudantes (26,4%) consideram que influencia um pouco. De forma semelhante, no campo profissional, 41 estudantes (77,4%) afirmaram que o conhecimento da língua inglesa amplia significativamente as oportunidades de trabalho, e 10 estudantes (18,9%) consideram que essa influência ocorre em menor grau.

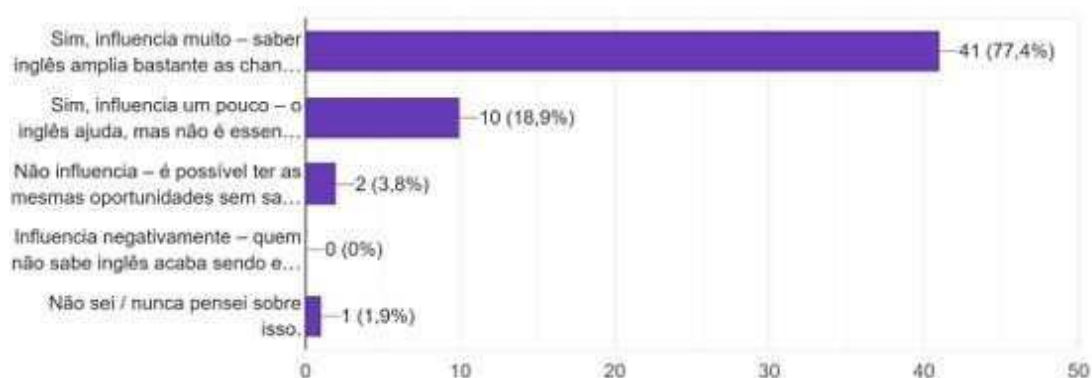
8 Você acha que o domínio da língua inglesa influencia na ampliação ou na limitação de acesso a oportunidades educacionais em que a língua inglesa se faz necessária?

53 respostas



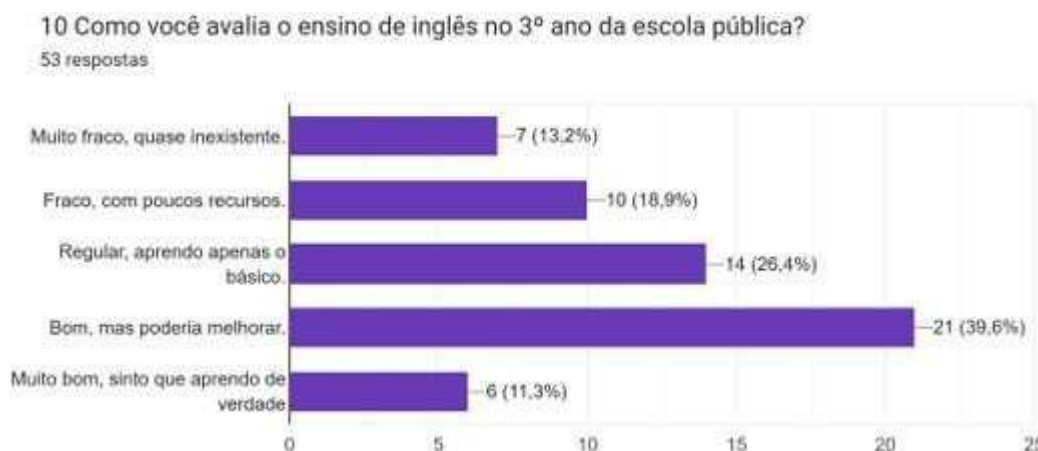
9 Você acha que o domínio da língua inglesa influencia na ampliação ou na limitação de acesso a oportunidades profissionais em que a língua inglesa se faz necessária?

53 respostas



Entretanto, esse reconhecimento da importância do idioma contrasta com a forma como os estudantes avaliam o ensino de inglês recebido na escola pública. Quando questionados sobre a qualidade desse ensino no 3º ano do Ensino Médio, 21 estudantes (39,6%) o classificaram como bom, mas passível de melhorias, enquanto 14 estudantes (26,4%) o avaliaram como regular, afirmando aprender apenas o básico. Além disso, 10

estudantes (18,9%) consideraram o ensino fraco, com poucos recursos, e 7 estudantes (13,2%) o classificaram como muito fraco ou quase inexistente. Apenas 6 estudantes (11,3%) afirmaram sentir que aprendem de forma efetiva nas aulas de inglês.



De modo geral, esses dados indicam que os estudantes reconhecem a importância da língua inglesa para o futuro, especialmente no que se refere ao acesso a oportunidades educacionais, profissionais e culturais. No entanto, muitos não se sentem plenamente preparados para utilizar o idioma de forma prática, o que evidencia uma possível distância entre o ensino ofertado no ambiente escolar e as demandas sociais contemporâneas relacionadas ao uso da língua inglesa.

Esse cenário também é identificado na literatura. Conforme apontam Silva *et al* (2014, p. 119), o ensino de língua inglesa em escolas públicas frequentemente “está limitado à apresentação das regras gramaticais mais básicas, exemplificadas com frases curtas e descontextualizadas”. Segundo os autores, esse tipo de abordagem tende a dificultar o desenvolvimento de habilidades comunicativas pelos estudantes. De forma similar a pesquisa de Gontijo (2018) destaca que o ensino de língua inglesa na escola pública enfrenta diferentes limitações estruturais. De acordo com a autora, fatores como “A carência de material didático e a carga horária insuficiente, até a falta de estrutura das escolas” acabam impactando diretamente a qualidade do processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa (Gontijo, 2018, p. 16).

Pode-se notar que a maneira como o ensino de Língua Inglesa é colocado em prática no contexto da escola pública pode influenciar diretamente a forma como os estudantes percebem suas próprias possibilidades de aprendizagem. Quando o ensino não proporciona condições adequadas para o desenvolvimento de competências comunicativas, o idioma tende a ser percebido como algo distante da realidade dos alunos, o que pode contribuir para

a manutenção de desigualdades educacionais e sociais.

Por meio da pesquisa é notável que os estudantes reconhecem claramente a importância do inglês para o futuro, mesmo sem dominá-lo. Bourdieu observa que o capital cultural atua como um bem que diferencia os indivíduos, uma vez que “[...] o gosto classifica e diferencia aquele que procede à classificação.” (SCHOLZ, 2009, p. 89).

O alto valor atribuído ao inglês pelos alunos, mesmo com baixo domínio, demonstra que eles internalizaram o reconhecimento desse idioma como um recurso socialmente legítimo e desejável. No entanto, a escola pública não consegue transformar esse reconhecimento em domínio efetivo. Tal contradição reforça a reprodução das desigualdades, pois o capital cultural permanece mais acessível àqueles que já dispõem de condições familiares favoráveis, ampliando as distâncias educacionais e profissionais.

2.3 – Percepções dos estudantes sobre a falta de recursos no ensino de língua inglesa

A análise das respostas obtidas por meio do questionário permite observar que os estudantes identificam limitações no ensino de língua inglesa ofertado na escola pública. Ainda que parte dos participantes avalie o ensino de forma relativamente positiva, os dados também indicam a presença de dificuldades relacionadas às condições em que esse ensino ocorre, o que pode influenciar diretamente o processo de aprendizagem do idioma.

Diante desse cenário, observa-se que as limitações estruturais presentes no ensino da língua inglesa nas escolas públicas podem influenciar a forma como os estudantes percebem suas próprias possibilidades de aprendizagem. Quando o contato com o idioma ocorre de maneira restrita ou pouco diversificada, o inglês tende a ser percebido como algo distante da realidade dos alunos. No contexto do município de Coelho Neto, essa situação pode se tornar ainda mais significativa, considerando as limitações socioeconômicas que caracterizam parte da população e que, muitas vezes, reduzem o acesso a outras formas de aprendizado fora do ambiente escolar.

Outro estudo importante é o de Macêdo Júnior, intitulado *O desencantamento de aprender um novo idioma* (2017). O autor mostra que muitos alunos começam interessados em aprender inglês, mas acabam perdendo a motivação com o tempo, principalmente por causa de aulas pouco atrativas, metodologias repetitivas e falta de incentivo. Ele ressalta que o papel do professor é fundamental nesse processo, pois cabe a ele criar um ambiente mais agradável, reforçador e que desperte o interesse do estudante pelo idioma.

Os resultados apontam que as condições precárias de ensino dificultam o contato

efetivo com o inglês. Essa apreensão pode ser reforçada quando, ao lado de Bourdieu, compreendemos que o capital cultural se constitui por meio de “práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas”, as quais dependem das condições objetivas oferecidas pelo meio social (Bourdieu apud SCHOLZ, 2009, p. 89).

Quando a escola pública oferece recursos limitados, como consequência, restringe a incorporação desse capital cultural. Tal restrição contribui para a reprodução social das desigualdades: os estudantes que contam com maior suporte familiar conseguem buscar alternativas de aprendizado, enquanto a maioria permanece com um contato restrito e desmotivador com o idioma, ampliando as distâncias educacionais e profissionais no contexto local.

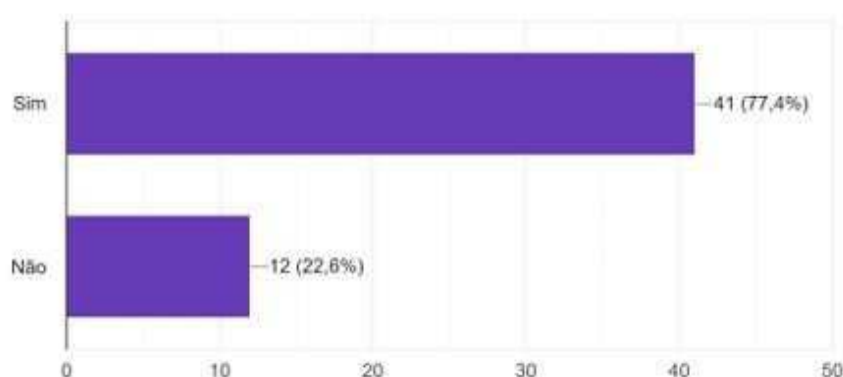
2.4 Reconhecimento das lacunas e estratégias para suprir deficiências na aprendizagem da língua inglesa

Os dados da pesquisa indicam, ainda, que os estudantes não apenas percebem limitações no ensino de língua inglesa, mas também demonstram reconhecer lacunas em seu próprio processo de aprendizagem. Ao analisarem seu nível de proficiência em língua inglesa, observa-se que a maioria dos estudantes se posiciona em níveis iniciais de conhecimento. Muitos afirmam possuir apenas um contato limitado com o idioma, relatando conhecer apenas algumas palavras isoladas e expressões simples. Apenas um número reduzido de participantes indica conseguir se comunicar em situações básicas ou utilizar a língua de forma mais completa, envolvendo leitura, escrita e conversação. Esses resultados sugerem que grande parte dos estudantes conclui o Ensino Médio com um domínio ainda restrito da língua inglesa.

Tal apreensão também aparece de forma mais direta quando os alunos são questionados sobre a necessidade de suprir deficiências no aprendizado do idioma. Nesse sentido, 41 estudantes (77,4%), afirmaram reconhecer a necessidade de buscar formas de complementar sua aprendizagem, enquanto 12 estudantes (22,6%), indicaram não perceber essa necessidade.

4 A partir da sua avaliação sobre o ensino da língua inglesa ao longo da sua trajetória escolar, você identifica a necessidade de suprir deficiências?

53 respostas

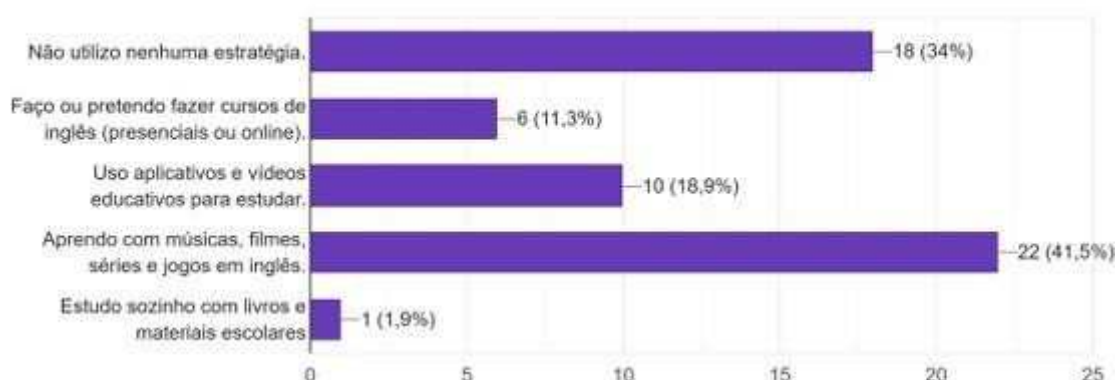


Observa-se que muitos estudantes compreendem que suas dificuldades não estão relacionadas apenas a aspectos individuais, mas também às condições em que o ensino da língua ocorre no ambiente escolar. Interpretação que aparece em outros estudos sobre o ensino de língua inglesa na escola pública. Dantas (2024, p. 7), afirma que, mesmo com a presença da disciplina ao longo da educação básica, “[...] a maior parte dos alunos não consegue atingir nem o mínimo esperado de fluência”. Cenário que evidencia que a oferta do ensino do idioma nem sempre garante o desenvolvimento efetivo das competências linguísticas necessárias.

Diante das lacunas percebidas no processo de ensino-aprendizagem, os dados da pesquisa também revelam quais estratégias os estudantes utilizam ou pretendem utilizar para melhorar seu conhecimento do idioma. Entre os participantes, 18 estudantes (34%), afirmaram não utilizar nenhuma estratégia específica para aprender inglês fora da escola, enquanto 22 estudantes (41,5%), relataram aprender por meio de músicas, filmes, séries e jogos em inglês. Além disso, 10 estudantes (18,9%), indicaram utilizar aplicativos e vídeos educativos, 6 estudantes (11,3%), afirmaram fazer ou pretender fazer cursos de inglês em escolas de idiomas privadas, e 1 estudante (1,9%) declarou estudar de forma autônoma por meio de livros e materiais escolares.

5 Quais estratégias pessoais você usa ou planeja usar para melhorar o inglês?

53 respostas



As respostas sugerem que, embora parte dos estudantes busque formas de ampliar seu contato com a língua inglesa fora do ambiente escolar, esse processo ocorre, em grande medida, por meio de práticas informais e de consumo cultural. Recursos como músicas, filmes, séries e conteúdos digitais acabam desempenhando um papel importante no contato dos jovens com o idioma.

Entretanto, ao buscar um olhar mais crítico, fica visível que uma parcela dos estudantes não desenvolve estratégias próprias de aprendizagem do idioma inglês, o que pode limitar ainda mais suas possibilidades de avanço no domínio da língua. Assim, quando o ensino formal não oferece condições suficientes para o desenvolvimento de competências linguísticas mais amplas, e ao mesmo tempo os estudantes não possuem acesso a recursos externos ou estratégias de estudo, o processo de aprendizagem tende a ocorrer de forma desigual.

Essa situação é discutida por Lopes, Lins e Silva (2023), ao apontarem que as práticas escolares muitas vezes não acompanham as formas contemporâneas de interação e aprendizagem dos estudantes, oferecendo “[...] pouco ou nenhum espaço para o desenvolvimento de competências [...]” relacionadas ao uso real da língua (Lopes; Lins; Silva, 2023, p. 648). Nessa circunstância, muitos alunos acabam buscando, fora da escola, experiências de contato com o idioma que poderiam ser mediadas pelo próprio ambiente educacional.

No contexto de Coelho Neto, essa realidade evidencia que o aprendizado da língua inglesa pode ocorrer de forma desigual, dependendo não apenas das condições oferecidas pela escola, mas também das possibilidades individuais de acesso a recursos externos de aprendizagem. Dessa forma, a maneira como os estudantes reconhecem suas próprias

limitações e buscam estratégias para superá-las está diretamente relacionada às oportunidades educacionais e culturais disponíveis em seu contexto social.

Diante dessas apreensões, é possível observar que o reconhecimento das lacunas no aprendizado da língua inglesa e as estratégias adotadas pelos estudantes para supri-las estão diretamente ligados às condições estruturais do ensino público. Quando essas condições são limitadas, o domínio do idioma tende a se tornar um recurso mais difícil de alcançar, o que pode influenciar as possibilidades futuras de acesso a oportunidades educacionais, profissionais e culturais em uma sociedade cada vez mais marcada pela presença massiva língua inglesa do mundo contemporâneo.

Os resultados apresentados neste capítulo permitem concluir que os estudantes do 3º ano do Ensino Médio das escolas públicas de Coelho Neto (MA) reconhecem claramente o valor social da língua inglesa. A maioria dos participantes considera o idioma muito importante ou importante para sua trajetória educacional e profissional, demonstrando consciência de que seu domínio pode ampliar oportunidades de acesso ao ensino superior, ao mercado de trabalho e a outras esferas sociais.

Entretanto, esse reconhecimento contrasta fortemente com a realidade vivenciada na escola. Os dados revelam baixo domínio do inglês, avaliação majoritariamente negativa da qualidade das aulas, escassez de recursos e motivação reduzida. Apesar de a disciplina estar presente no currículo, na perspectiva dos estudantes, a escola oferece condições limitadas para que os estudantes incorporem efetivamente esse conhecimento.

Portanto, o ensino de língua inglesa nas escolas públicas de Coelho Neto analisadas, em sua forma atual, não cumpre seu potencial democratizador. Ao contrário, reforça as distâncias sociais: reconhece-se o valor do idioma, mas não se garante sua apropriação igualitária. Essa contradição contribui para a manutenção de desigualdades que vão além dos muros da escola.

3. LÍNGUA INGLESA, CAPITAL CULTURAL E REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU

3.1 A língua inglesa como recurso social no mundo contemporâneo

No mundo contemporâneo, as possibilidades de inserção social, cultural e profissional estão, em grande medida, ligados ao acesso ao conhecimento e à educação formal. A educação não se resume apenas à transmissão de conteúdos, mas também é um processo importante na formação de indivíduos capazes de entender a realidade em que vivem e atuar nela. Porém, o desempenho escolar não depende somente das capacidades individuais. Segundo Nogueira e Nogueira (2002, p. 18), “os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem [...] uma bagagem social e cultural diferenciada”. Isso mostra que a trajetória escolar dos estudantes é influenciada pelas condições sociais e culturais que eles possuem antes mesmo de entrar na escola.

Dentro dessa ideia, o conhecimento pode ser entendido como um recurso social que influencia as oportunidades ao longo da vida. A teoria de Pierre Bourdieu ajuda a compreender isso ao mostrar que existem diferentes tipos de capital, como o capital cultural, que interferem nas possibilidades de mobilidade social. De acordo com Cunha (2007, p. 513), o conceito de capital cultural se tornou importante na Sociologia da Educação por ser “[...] uma categoria analítica importante para explicar as desigualdades diante da escola e da cultura”. Dessa forma, alguns conhecimentos e habilidades não têm apenas valor acadêmico, mas também valor social, podendo trazer vantagens ou limitações dentro da sociedade.

Além disso, a escola desempenha papel importante nesse processo, pois não só transmite conhecimentos, mas também valoriza determinadas formas culturais reconhecidas socialmente. É nesse sentido que Bourdieu e Passeron (apud Cunha, 2007, p. 516) indicam que “[...] é o privilégio que liga as classes cultivadas à cultura escolar, e o sistema educativo nada mais faz do que assegurar e reproduzir este privilégio”. Isso indica que a escola pode contribuir para a reprodução das desigualdades sociais, já que tende a valorizar conhecimentos mais próximos da cultura das classes mais favorecidas.

Nesse contexto, a língua inglesa passou a ter grande importância no mundo atual, principalmente por estar relacionada ao acesso à informação, à produção científica, à tecnologia e ao mercado de trabalho. Em uma sociedade marcada pela circulação global de conhecimentos, o domínio do inglês pode ser um diferencial nas trajetórias educacionais e

profissionais. No entanto, esse diferencial não é igual para todos como afirmam Nogueira e Nogueira (2002, p. 19), pois a escola pode exercer “um papel ativo [...] no processo social de reprodução das desigualdades sociais”, reforçando diferenças que já existem fora dela. Assim, o acesso desigual ao ensino de línguas estrangeiras pode aumentar ainda mais essas diferenças.

Seguindo essa mesma linha, Cunha (2007, p. 515) afirma que “o capital cultural constitui o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar”. Isso permite entender que o domínio de conhecimentos valorizados socialmente, como a língua inglesa, pode ser visto como uma forma de capital cultural, já que pode gerar vantagens e ampliar oportunidades. Porém, quando esse conhecimento não é ofertado de forma igualitária, ele acaba funcionando como um fator de distinção entre os indivíduos.

Além disso, é importante destacar que a cultura não é algo neutro, pois está relacionada a processos de valorização simbólica. Em *A Distinção*, Bourdieu (2007, p. 90) afirma que “o gosto encontra-se na origem dessas lutas simbólicas” entre diferentes grupos sociais. Aplicando essa ideia ao ensino de línguas, é possível perceber que o domínio do inglês também pode ter um valor simbólico, funcionando como um marcador social em determinados contextos.

No mundo contemporâneo, portanto, o domínio de conhecimentos valorizados, como a língua inglesa, não representa apenas uma habilidade linguística, mas também um recurso que pode influenciar as trajetórias educacionais e profissionais. No entanto, o acesso a esse conhecimento não acontece de forma igual entre todos, já que as oportunidades educacionais são influenciadas por fatores sociais, culturais e econômicos. Assim, ao analisar o ensino de inglês na escola pública, é importante considerar que a forma como os estudantes percebem esse aprendizado está ligada às condições reais de acesso e aprendizagem que eles têm, tema que será aprofundado nos próximos tópicos deste capítulo.

3.2 Capital cultural, habitus e distinção social

Para entender de que forma o ensino da língua inglesa pode funcionar como um recurso social, é importante aprofundar o conceito de capital cultural na teoria de Pierre Bourdieu. Esse conceito foi desenvolvido inicialmente em parceria com Jean Claude Passeron, na obra *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964), e passou a ser muito importante para explicar as desigualdades no contexto escolar. Como afirma Cunha (2007, p. 514), o capital cultural é “[...] uma categoria analítica importante para explicar as

desigualdades diante da escola e da cultura [...]”, pois ajuda a compreender como certos conhecimentos são valorizados e reconhecidos socialmente.

O capital cultural pode ser entendido como o conjunto de conhecimentos, habilidades, disposições e formas de linguagem que as pessoas adquirem ao longo da vida. Como observa Cunha (2007), o desempenho escolar não depende apenas do esforço individual, mas também das condições culturais que o estudante traz de seu ambiente familiar. Além disso, o capital cultural não está ligado apenas à família, antes, envolve processos de reconhecimento dentro das instituições.

De acordo com Cunha (2007), o conceito de capital cultural está relacionado às estruturas simbólicas e às relações de poder, já que a cultura dominante é considerada legítima dentro de um determinado contexto social. Dessa forma, a escola tem um papel importante, pois valida certos conhecimentos por meio de avaliações, certificações e diplomas, transformando saberes em títulos reconhecidos socialmente.

É importante relacionar o conceito de capital cultural com o de *habitus*, pois ambos explicam como as desigualdades se formam e se mantêm dentro do campo educacional. O *habitus* pode ser compreendido como um conjunto de disposições incorporadas ao longo da vida social, orientando a forma como os indivíduos percebem o mundo e agem dentro dele (Bourdieu, ano 2000). Nesse sentido, Dobránszky e Laplane (2002, p. 61,67) destacam que o *habitus* é um “[...] sistema de disposições duráveis e transmissíveis, estruturas estruturadas e predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios que geram e organizam práticas e representações”. Dessa forma, compreende-se que os indivíduos não apenas acumulam conhecimentos de maneira desigual, mas também desenvolvem diferentes formas de valorização e apropriação desses saberes, conforme suas experiências sociais.

Além disso, essa relação se articula ao funcionamento da escola, pois o capital cultural e o *habitus* influenciam diretamente o desempenho escolar e o reconhecimento social dos estudantes. Conforme observa Vicente Júnior (2010, p. 104), “as instituições escolares conferem diplomas e certificados e, numa fase posterior, títulos acadêmicos, e é através desta concretização que o capital cultural se torna institucionalizado”. Assim, a escola não apenas ensina conteúdos, mas também legitima determinados conhecimentos como superiores, fazendo com que certos grupos sociais tenham mais facilidade de transformar seus recursos culturais em vantagens educacionais e profissionais.

O conceito de *habitus* ajuda a entender por que alguns estudantes consideram certos conhecimentos mais importantes do que outros. Trazendo isso ao campo educacional, é notável que o valor atribuído a disciplinas como a língua inglesa não é apenas pedagógico,

mas também social e simbólico.

A relação entre capital cultural e habitus mostra que as desigualdades escolares não surgem apenas dentro da escola, mas fazem parte de um processo maior de socialização.

No caso do ensino da língua inglesa, essa discussão se torna ainda mais importante. O domínio do inglês pode ser visto como uma forma de capital cultural valorizada tanto no meio acadêmico quanto no mercado de trabalho. No entanto, o acesso a esse conhecimento depende de fatores como as condições sociais, a qualidade do ensino e as oportunidades fora da escola. Por isso, compreender os conceitos de capital cultural e habitus é fundamental para analisar a linha de pensamento dos estudantes da rede pública, entendendo se o inglês aparece como uma possibilidade real de mobilidade social ou como mais um fator de desigualdade.

3.3 Habitus, escola e reprodução das desigualdades

Para entender como as desigualdades educacionais continuam ao longo do tempo, é necessário analisar o papel da escola na reprodução social, considerando a relação entre habitus e capital cultural. Como já foi discutido, os estudantes chegam à escola com diferentes conhecimentos, experiências e formas de pensar, que influenciam diretamente a maneira como aprendem, suas expectativas e suas trajetórias escolares.

O conceito de habitus ajuda a compreender como essas diferenças são formadas. De acordo com Setton (2002, p. 62), o habitus pode ser entendido como “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis [...] que funciona como uma matriz de percepções, apreciações e ações”. Isso significa que as ações dos indivíduos não acontecem de forma aleatória, mas são influenciadas por experiências sociais anteriores, que orientam suas escolhas e a forma como veem o mundo.

A partir desse olhar, a escola não pode ser considerada um espaço neutro, pois ela valoriza certos conhecimentos, formas de linguagem e comportamentos que estão mais próximos da cultura dominante.

Dessa forma, o sistema educacional acaba transformando diferenças sociais em diferenças escolares, apresentando como mérito algo que muitas vezes é resultado de condições desiguais de origem. Esse processo também está relacionado ao que Bourdieu chama de poder simbólico. Segundo o autor, esse poder consiste em “[...] um poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer [...]” (Bourdieu, 2000, p. 14). Trata-se de um tipo de poder que atua de forma mais discreta, fazendo com que certas

desigualdades sejam vistas como naturais, mesmo quando são resultado de processos históricos e sociais.

Relacionando essa discussão com o ensino da língua inglesa, é possível perceber que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes da escola pública não podem ser explicadas apenas por fatores individuais. A falta de recursos, o acesso desigual ao ensino e as diferentes condições de aprendizagem fazem com que o domínio do inglês não seja o mesmo para todos. Assim, o idioma deixa de ser apenas uma disciplina escolar e passa a funcionar como um elemento de distinção social, influenciando as oportunidades educacionais e profissionais dos estudantes.

3.4 O ensino da língua inglesa como forma de capital cultural

A partir das discussões apresentadas, é possível entender que o ensino da língua inglesa pode ser visto como uma forma de capital cultural no contexto atual. Isso acontece porque o domínio de uma língua estrangeira, principalmente o inglês, está relacionado ao acesso a conhecimentos, informações e oportunidades que não são distribuídos de forma igual entre os diferentes grupos sociais. Dessa forma, o idioma deixa de ser apenas um conteúdo escolar e passa a ser um recurso social valorizado.

De acordo com Bourdieu, a escola não deve ser compreendida apenas como um espaço neutro de oportunidades iguais, uma vez que o capital cultural inscrito no processo de formação do indivíduo – processo este que ultrapassa a formação escolar – constitui “[...] um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência da legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural” (Bourdieu apud Vicente junior, 2010, p. 104). Assim, percebe-se que o capital cultural herdado e transmitido no ambiente familiar influencia diretamente as possibilidades de êxito escolar. Nesse sentido, o autor também destaca que “[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*” (BOURDIEU, 2002, p. 41-42), o que contribui para definir atitudes e disposições diante da escola e dos conhecimentos valorizados por ela. Ao relacionar essa discussão ao ensino da língua inglesa, pode-se compreender que o domínio do idioma tende a funcionar como um diferencial social, já que o acesso ao inglês frequentemente depende de condições culturais e educacionais desiguais, tornando-se um recurso que amplia oportunidades acadêmicas e profissionais. Além disso, o valor do inglês não é apenas prático, mas também simbólico. Nesse sentido, dominar a língua inglesa pode estar

associado a certos estilos de vida, níveis de escolaridade e formas de inserção social.

Destaca-se, portanto, que o acesso a esse tipo de conhecimento não acontece de forma igual. Como aponta Cunha (2007, p. 514), o conceito de capital cultural ajuda a entender as desigualdades na escola e na cultura, mostrando que alguns grupos têm mais acesso a recursos educacionais e culturais do que outros. Assim, estudantes que têm acesso a cursos de idiomas, materiais de qualidade e ambientes favoráveis à aprendizagem tendem a desenvolver mais domínio do inglês do que aqueles que dependem apenas do ensino escolar.

Essa desigualdade torna-se ainda mais evidente no contexto da escola pública, onde as condições de ensino frequentemente não garantem aos estudantes os mesmos recursos e oportunidades disponíveis para aqueles que possuem acesso a formações complementares fora da escola. Nesse sentido, Vicente Júnior (2010, p. 101) afirma que o sistema educacional pode atuar como “reprodutor social, cultural, de exclusão”, pois transmite valores e bens simbólicos que acabam favorecendo determinados grupos sociais em detrimento de outros. Dessa forma, quando o ensino de língua inglesa ocorre em condições limitadas, com falta de recursos e dificuldades estruturais, a aprendizagem do idioma tende a se tornar mais difícil para estudantes que dependem exclusivamente do ensino regular, contribuindo para a manutenção de desigualdades educacionais e profissionais.

Diante disso, o domínio da língua inglesa pode ter um papel duplo. Por um lado, pode representar uma oportunidade de ampliar o acesso a estudos, cultura e trabalho. Por outro, quando o ensino não acontece de forma igual, o idioma pode funcionar como um fator de distinção social, reforçando desigualdades já existentes entre os estudantes. Assim, entender o ensino da língua inglesa como capital cultural permite analisar não só o aprendizado em si, mas também suas consequências sociais.

Conclui-se que, com base no referencial teórico apresentado neste capítulo, é possível compreender as percepções dos estudantes da rede pública do município de Coelho Neto, no estado do Maranhão, não apenas como opiniões individuais, mas como reflexo de suas trajetórias sociais, condições educacionais e experiências culturais. Dessa forma, o ensino da língua inglesa pode atuar tanto como um meio de mobilidade social quanto como um mecanismo de reprodução das desigualdades, dependendo das condições reais de acesso e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as percepções de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas do município de Coelho Neto (MA) sobre o ensino da Língua Inglesa, buscando compreender como esse ensino influencia suas perspectivas educacionais e profissionais. A pesquisa também procurou discutir o papel da língua inglesa como uma forma de capital cultural, a partir das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu.

Ao longo do estudo, foi possível observar que a língua inglesa ocupa uma posição de destaque na sociedade contemporânea, sendo frequentemente associada ao acesso ao conhecimento, à educação superior e ao mercado de trabalho. Nesse sentido, os estudantes participantes da pesquisa demonstraram reconhecer a importância do idioma para suas trajetórias futuras.

Entretanto, os resultados mostraram que muitos alunos concluem o Ensino Médio com um domínio limitado da língua inglesa. Além disso, parte significativa dos participantes avaliou que o ensino recebido apresenta dificuldades relacionadas à falta de recursos, às limitações estruturais e às condições em que as aulas são ofertadas. Esses fatores acabam dificultando o desenvolvimento de competências mais amplas no idioma.

A análise dos dados também revelou que muitos estudantes procuram alternativas para complementar sua aprendizagem por meio de músicas, filmes, séries, jogos e conteúdos disponíveis na internet. Apesar disso, nem todos possuem acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem fora da escola, o que contribui ainda mais para que o domínio da língua inglesa aconteça de maneira desigual.

A partir da teoria de Pierre Bourdieu, foi possível compreender que o conhecimento da língua inglesa pode ser entendido como uma forma de capital cultural socialmente valorizada. Dessa maneira, estudantes que possuem maiores oportunidades de acesso ao idioma tendem a acumular vantagens educacionais e profissionais em relação àqueles que dependem exclusivamente do ensino ofertado pela escola pública.

Além de contribuir para os debates sobre o ensino da língua inglesa, este estudo também dialoga com questões importantes das Ciências Sociais, como educação, desigualdade social e acesso ao capital cultural. Os resultados demonstram que o domínio da língua inglesa não está relacionado apenas ao aprendizado de um idioma, mas também às oportunidades de acesso a conhecimentos e recursos valorizados socialmente.

Então diante dos resultados obtidos, considera-se que os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados. Foi possível sim identificar as percepções dos estudantes sobre o

ensino da língua inglesa, compreender a sua importância que é atribuída ao idioma em suas trajetórias educacionais e profissionais e analisar a relação entre o domínio da língua inglesa e o acesso a oportunidades socialmente valorizadas.

É importante destacar que esta pesquisa apresenta algumas limitações. O estudo foi realizado com um número reduzido de participantes, envolvendo apenas estudantes do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Coelho Neto (MA). Dessa forma, os resultados obtidos não podem ser generalizados para todos os estudantes da rede pública brasileira, mas contribuem para a compreensão da realidade investigada, principalmente quando falamos sobre as pequenas cidades do maranhão.

Conclui-se, portanto, que o ensino da língua inglesa possui grande importância para a formação dos estudantes e para suas possibilidades de inserção social. No entanto, os resultados desta pesquisa indicam que ainda existem desafios que precisam ser enfrentados para garantirum acesso mais igualitário ao aprendizado do idioma. Dessa forma, torna-se necessário fortalecer as condições de ensino nas escolas públicas, contribuindo para que a língua inglesa possa cumprir um papel mais democrático na formação dos estudantes.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para as discussões sobre o ensino da língua inglesa na escola pública e incentive novas pesquisas sobre o tema. Estudos futuros poderão ampliar a quantidade de participantes, incluir escolas de outros municípios ou comparar as percepções de estudantes da rede pública e da rede privada. Além disso, pesquisas envolvendo professores e gestores escolares podem contribuir para uma compreensão mais ampla dos desafios relacionados ao ensino da língua inglesa no contexto educacional brasileiro e Maranhense.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Suelma da Silva Montalvão. *Desafios do ensino de língua inglesa na educação pública: uma pesquisa bibliográfica*. 2024. p.06, 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, 2024.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRASIL. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1961.
- BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília, DF: Presidência da República, 1971.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: ensino médio*. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CUNHA, Maria Amália de Almeida. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 504-516, jul./dez. 2007.
- DANTAS, Iris Ramalho. *Ensino de língua inglesa na escola pública: desafios e possibilidades a partir das percepções dos docentes de uma escola pública da cidade de São Bento/PB*. 2024. p.07, 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Inglês) – Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2024.
- FEITOSA, Evandson da Silva. *O ensino de língua inglesa no ensino fundamental do município de Codó-MA: uma análise do ensino público e privado*. 2020. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2020.
- GONTIJO, Míriam Rabelo. Desafios na docência de LI em escolas públicas: percepções e

- vivências nas narrativas de professores. *Revista X*, Curitiba, p.16, 2018.
- LOPES, Francisco Edson de Freitas; LINS, Fabiana Ferreira de Queiroga; SILVA, Gilberlânia Soares da. Percepções de alunos do ensino médio sobre a abordagem de cultura nas aulas de inglês: reflexões e direcionamentos para uma prática mais eficaz de ensino de língua estrangeira. *Revista Principia*, João Pessoa, v. 60, n. 2, p. 648, 2023. DOI: 10.18265/1517-0306a2021id6281.
- MACÊDO JUNIOR, Hubert Lima de. *O desencantamento de aprender um novo idioma a partir do ponto de vista do estudante*. 2017. 49 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. *Documento curricular do território maranhense para a educação infantil e o ensino fundamental*. São Luís: SEDUC-MA, 2019.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXIII, n. 78, p. 18-19, abr. 2002.
- POLIDÓRIO, Valdomiro. O ensino de língua inglesa no Brasil. *Travessias*, Cascavel, v. 8, n. 2, p. 340-346, 2014.
- RAMOS, S. G. M. Métodos de ensino de língua estrangeira. UNOPAR Científica: Ciências Humanas e Educação, Londrina, v. 1, n. 1, p. 146-147, jun. 2000.
- SANTOS, Milena Meira Ramos dos. Ensino de língua estrangeira: os métodos. *Revista EntreLinguas*, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 249-265, jul./dez. 2020. DOI: 10.29051/el.v6i2.13072. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/13072>. Acesso em: 25 jun. 2026.
- SCHOLZ, Robinson Henrique. *Habitus de classe expressado pelo capital simbólico: uma revisão da obra de Pierre Bourdieu A distinção*. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 45, p. 89, n. 1, 2009.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 62, maio/ago. 2002.

SILVA, Luzinete Santos da; MIRANDA, Verônica Domingos; SANTOS, Delvânia Aparecida Góes dos. Percepções sobre o ensino de língua inglesa em uma escola do campo.

Revista Eventos Pedagógicos, Sinop, v. 5, n. 1 (10. ed.), número especial, p. 119, jan./maio 2014.

VICENTE JUNIOR, Nelson. Ensino e cultura escolarizada: o *habitus* no processo de estruturação do campo social da escola. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 20, n. 34, p. 101-104, jan./jun. 2010.

ANEXO A

Instrumento de coleta de dados

Instruções: Este questionário é anônimo e destina-se a uma pesquisa acadêmica. Responda com sinceridade, escolhendo a opção que melhor representa sua opinião.

1. Qual é a sua idade?

- A) 16 anos
- B) 17 anos
- C) 18 anos
- D) 19 anos
- E) 20 anos ou mais

2. Como você descreveria seu nível atual de proficiência em inglês?

- A) Não sei nada.
- B) Sei apenas palavras isoladas.
- C) Consigo entender expressões simples.
- D) Consigo me comunicar em situações básicas.
- E) Consigo ler, escrever e conversar de forma razoável.

3. Como você avalia a importância do aprendizado da língua inglesa ao longo do ensino regular na sua trajetória social, educacional e profissional?

- A) Muito importante – o inglês é essencial para o sucesso pessoal, acadêmico e profissional.
- B) Importante – o inglês ajuda a abrir algumas oportunidades e melhorar o conhecimento geral.
- C) Pouco importante – acredito que o inglês tem pouca influência na vida social, educacional e profissional.
- D) Não é importante – o inglês não faz diferença significativa na minha vida.
- E) Não sei / nunca pensei sobre isso.

4. A partir da sua avaliação sobre o ensino da língua inglesa ao longo da sua trajetória escolar, você identifica a necessidade de suprir deficiências?

- A) Sim
- B) Não

5. Quais estratégias pessoais você usa ou planeja usar para melhorar o inglês?

- A) Não utilizo nenhuma estratégia.
- B) Faço ou pretendo fazer cursos de inglês (presenciais ou online).
- C) Uso aplicativos e vídeos educativos para estudar.
- D) Aprendo com músicas, filmes, séries e jogos em inglês.
- E) Estudo sozinho com livros e materiais escolares.

6. Você acha que o domínio da língua inglesa influencia na ampliação ou na limitação de acesso a ambientes em que a língua inglesa se faz necessária?

- A) Sim, influencia muito – o domínio do inglês abre muitas oportunidades.
- B) Sim, influencia um pouco – o inglês ajuda em algumas situações.
- C) Não influencia – conhecer ou não o inglês não muda o acesso a esses ambientes.
- D) Influencia negativamente – quem não fala inglês acaba sendo excluído de muitos espaços.
- E) Não sei / nunca pensei sobre isso.

7. Você acha que o domínio da língua inglesa influencia na ampliação ou na limitação de acesso a recursos de entretenimento em que a língua inglesa se faz necessária?

- A) Sim, influencia muito – quem sabe inglês entende e aproveita melhor músicas, filmes, jogos e outros conteúdos.
- B) Sim, influencia um pouco – o inglês ajuda, mas há alternativas como filmes dublados e legendas em música.
- C) Não influencia – é possível aproveitar tudo sem saber inglês.
- D) Influencia negativamente – quem não entende inglês fica excluído de vários conteúdos.
- E) Não sei / nunca pensei sobre isso.

8. Você acha que o domínio da língua inglesa influencia na ampliação ou na limitação de acesso a oportunidades educacionais em que a língua inglesa se faz necessária?

- A) Sim, influencia muito – saber inglês amplia bastante as chances de estudar em boas instituições e participar de programas educacionais como intercâmbios.
- B) Sim, influencia um pouco – o inglês ajuda, mas não é essencial para todas as oportunidades.
- C) Não influencia – é possível ter acesso às mesmas oportunidades sem saber inglês.
- D) Influencia negativamente – quem não sabe inglês acaba sendo excluído de muitas oportunidades educacionais.
- E) Não sei / nunca pensei sobre isso.

9. Você acha que o domínio da língua inglesa influencia na ampliação ou na limitação de acesso a oportunidades profissionais em que a língua inglesa se faz necessária?

- A) Sim, influencia muito – saber inglês amplia bastante as chances de emprego e ter uma carreira fora.
- B) Sim, influencia um pouco – o inglês ajuda, mas não é essencial para todas as profissões.
- C) Não influencia – é possível ter as mesmas oportunidades sem saber inglês.
- D) Influencia negativamente – quem não sabe inglês acaba sendo excluído de muitas oportunidades profissionais.
- E) Não sei / nunca pensei sobre isso.

10. Como você avalia o ensino de inglês no 3º ano da escola pública?

- A) Muito fraco, quase inexistente.
- B) Fraco, com poucos recursos.
- C) Regular, aprendo apenas o básico.
- D) Bom, mas poderia melhorar.
- E) Muito bom, sinto que aprendo de verdade.

11. Você percebe o inglês como algo que “valoriza” uma pessoa culturalmente ou socialmente em Coelho Neto?

- A) Sim, valoriza muito.
- B) Sim, valoriza um pouco.
- C) Valoriza apenas em alguns contextos.
- D) Não valoriza.
- E) Não sei.